

**A SUBSTITUIÇÃO DE NÓS POR A GENTE
NA FALA DE NOVA IGUAÇU**

Stéphanie Rocha Vieira Elexias (UFRRJ)

fanyrve@gmail.com

Juliana Barbosa de Segadas Vianna (UFRRJ)

julianasegadas@gmail.com

RESUMO

A investigação que ora se apresenta tem por objetivo estudar e analisar a fala dos indivíduos na região da Baixada Fluminense, especificamente o município de Nova Iguaçu, visando ampliar o conhecimento deste processo de mudança linguística em uma área que compõem o entorno da capital do estado (já amplamente estudada). Para tanto, estão sendo percorridas todas as etapas que compõem a metodologia da Sociolinguística laboviana, isto é, além do levantamento e análise dos dados linguísticos, a aluna participa da construção do *corpus* de fala, o que inclui a coleta das entrevistas e a transcrição das mesmas. (LABOV, 1972, 1994; TARALLO, 1986; MOLLICA & BRAGA, 2013)

Palavras-chave: Pronomes pessoais. Variação linguística. Língua oral.

1. Introdução

O presente trabalho integra o projeto de pesquisa “O português falado em Nova Iguaçu” e investiga o estágio em que a variação entre *nós* e *a gente* se encontra, levantando os dados dos pronomes citados em posição de sujeito, tendo como base as entrevistas orais que foram coletadas com os informantes do município de Nova Iguaçu. Após as entrevistas serem coletadas, foram transcritas e digitalizadas para melhor observação do fenômeno.

Os dados levantados foram codificados de acordo com fatores linguísticos e fatores sociais que estratificam a amostra e, posteriormente, foram submetidos ao programa estatístico de regras variáveis, denominado *Goldvarb X*.

Para a seleção e coleta de dados dos falantes, tomamos como base o método aleatório de estratificação:

[...] (de a amostra ter de ser demasiadamente grande a fim de englobar todos os estratos da população), costuma-se estratificar a amostra. Para proceder a esse método, divide-se a população em “células” (“casas”, “estratos”)

compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória. (MOLLICA, 2013, p. 121)

Foram definidas inicialmente as faixas etárias, de modo a representar os três grupos etários que compõem a comunidade de fala de Nova Iguaçu, quais sejam: os jovens adultos (de 18 a 35 anos), os adultos maduros (de 36 a 55 anos) e os indivíduos da terceira idade⁴⁹ (de 56 a 75 anos). Além disso, considerou-se o controle de três níveis de escolarização: nível 1, referente ao ensino fundamental; nível 2, referente ao ensino médio; e nível 3, englobando os indivíduos com curso superior completo (ou que tenham cursado alguma faculdade por dois anos, ao menos). O último controle na estratificação do *corpus* levou em consideração o sexo/gênero do informante, podendo ser masculino (homem) ou feminino (mulher). Com esses critérios para a constituição do *corpus*, que levam em consideração três níveis de estratificação, a amostra-piloto a ser organizada totalizaria dezoito informantes nativos de Nova Iguaçu. É importante frisar que o principal critério na seleção de informantes é que fossem naturais do município estudado, preferencialmente filhos e pais também nascidos em Nova Iguaçu.

2. Dificuldades encontradas

As dificuldades encontradas ficaram a cargo da falta de informantes nativos de Nova Iguaçu, correspondentes a todas as células. A tabela X ilustra as entrevistas efetuadas até então.

Tabela 1: Controle das entrevistas realizadas/transcritas.
Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Escolaridade/ Faixa Etária	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Faixa A: 18 – 35 anos	Ø	2 mulheres	2 mulheres 1 homem
Faixa B: 36 – 55 anos	2 homens	Ø	Ø
Faixa C: 56 – 75 anos	1 mulher	1 homem	1 mulher

Como se pode observar na tabela, em um total de nove células, há

⁴⁹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a terceira idade se inicia aos sessenta anos, porém essa faixa etária pode variar conforme as condições de cada país. No Brasil existe a Política Nacional do Idoso que foi criada em janeiro de 1994 e afirma que a terceira idade se inicia igualmente de acordo com a OMS. O processo de envelhecimento em cada pessoa é diferente e por conta disso que essa faixa etária sofre alteração de acordo com as informações colhidas.

ocorrência de sobreposição de entrevistas em três delas. Pode-se observar a existência de dois representantes do sexo masculino, na faixa etária B, com ensino fundamental e a ocorrência de sobreposição com duas representantes do sexo feminino na faixa etária A, tanto para escolaridade média quanta para a superior. Devido à dificuldade de encontrar informantes nativos, algumas células ficaram com déficit de entrevistados, ora com déficit total ora parcial – como se verifica nas células referentes a faixa C, na qual há carência de informantes femininas.

A organização de amostra equilibrada, baseada no método aleatório tem por intuito o controle de fatores sociais como sexo, faixa etária e escolaridade, o que leva em consideração que a população é não homogênea. Assim, a amostra desejável seria composta por dois falantes, de cada sexo, em cada nível de estratificação (faixa etária e escolaridade).

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil⁵⁰, podemos perceber que a partir dos anos 2000, mais especificamente durante a vigência do governo Lula que se inicia em 2003, gerou-se um grande despertar referente à educação. No censo de 2010 foi observado um aumento de fluxo escolar de quase 17% em relação ao Censo anterior (ano de 2000) para os jovens adultos (18 a 20 anos) na cidade de Nova Iguaçu, contra 7,6% do Censo do ano de 1991. Levando-se em conta o ranking do *Índice de Desenvolvimento Humano Municipal* (IDHM), em 2010 a educação teve uma melhora em relação ao ranking do ano de 2000.

Tabela 2: IDHM Educação – Nova Iguaçu.
Fonte: Atlas Brasil. Nota: Adaptado de Atlas Brasil.

1991	0,315
2000	0,453
2010	0,641

Gráfico 1: Fluxo Escolar de 18 a 20 anos.
Fonte: Atlas Brasil. Nota: Adaptado de Atlas Brasil.

⁵⁰ Site que engloba o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) que contém os indicadores de demografia, educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

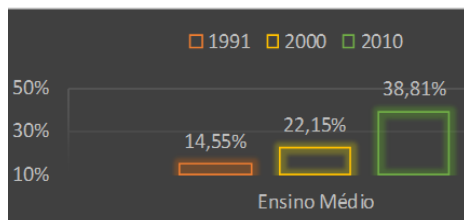
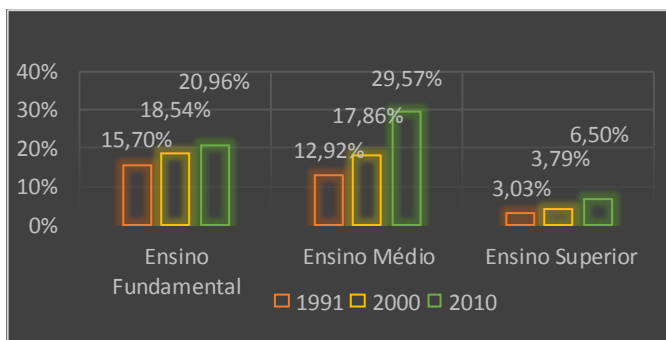


Gráfico 2: Escolaridade de 25 anos ou mais.
Fonte: Atlas Brasil. Nota: Adaptado de Atlas Brasil.



A partir dos gráficos anteriores podemos perceber que, evolutivamente, os indivíduos estão estudando mais. Ou seja, as pessoas da faixa etária mais jovem, atualmente, não se restringem a um nível baixo de escolarização. O fluxo escolar tem aumentado, talvez isso explique a dificuldade em encontrar informantes que possam preencher a célula correspondente à faixa A (18-35 anos) no ensino fundamental. É possível observar que os jovens adultos, hoje em dia, estão em maior número no ensino médio como reflexo da política de incentivo à educação básica.

Por conta desta falta de alguns informantes, os resultados preliminares que ora se apresentam certamente exibirão mudanças, na próxima etapa da pesquisa.

3. Análise da variação linguística na 1ª pessoa do plural

Dez entrevistas gravadas com informantes que compõem o *corpus* do Projeto “O português falado em Nova Iguaçu”, foram analisadas. Tais entrevistas foram transcritas e, a partir desta transcrição, deu-se o levantamento de todos os dados de *nós* e *a gente* em posição de sujeito, preen-

chidos/pletos ou não-preenchidos/nulos. Inicialmente, foi importante observar a frequência geral de uso das formas pronominais nos inqueritos de língua oral, a fim de estabelecer o primeiro panorama dos resultados, como pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 2: Frequência dos pronomes de 1ª pessoa do plural em posição de sujeito.
Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Frequência do pronome/ Região do informante	NÓS	A GENTE	TOTAL
Nova Iguaçu	79/300 26%	221/300 74%	664

Com relação ao português brasileiro, os estudos que focalizam a alternância na 1ª pessoa do plural reconhecem, na língua oral, a maior produtividade de *a gente* quando comparada ao uso do pronome padrão *nós* (pleno ou nulo) mesmo entre falantes cultos (VIANNA, 2011; VIANNA; LOPES, 2015). Nas entrevistas que integram nossa amostra, são encontrados resultados semelhantes. Localizaram-se, em 300 dados totais, 221 ocorrências de *a gente* (74%), ao passo que foram aferidas 79 ocorrências da forma padrão (26%), incluindo-se realizações plenas e nulas.

3.1. Escolaridade

Com relação aos resultados gerais, é importante ter em vista que a escola pode ser um dos fatores responsáveis pela manutenção de um estado da língua, visto que o ensino tradicional – ainda praticado na maioria das instituições de ensino – propõe uma abordagem normativo-prescritiva ao tratar os fenômenos linguísticos, além de focalizar estudos gramaticais e enfatizar o canal da escrita, ambas são forças conservadoras. Dessa forma, a influência da variável "nível de escolarização" pode ser entendida como correlacionada aos fatores de promoção ou resistência frente às mudanças linguísticas.

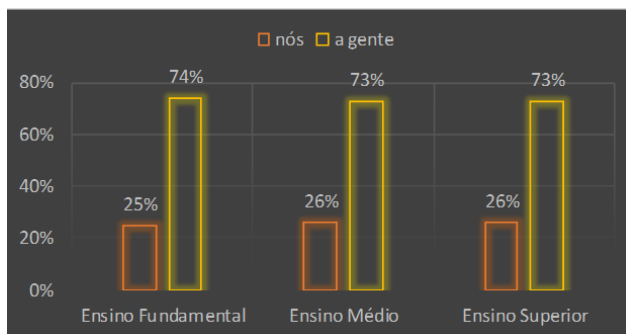
As formas de prestígio focalizam o *status* econômico e social dos usuários da língua, elas nascem da literatura oficial e se opõem aos falares das pessoas que não desfrutam de tal *status* socioeconômico. Estão codificadas nas gramáticas normativas e adquirem o estatuto de formas corretas, a serem aprendidas e internalizadas no processo de escolarização. Por outro lado, o modo de comunicação das pessoas consideradas "inferiores" na escala socioeconômica tende a ser coletivamente avaliado como de menor prestígio em termos comunicativos e estéticos. Assim, há

a atribuição de estigma pela comunidade linguística, que é aumentado pela atitude normativa do ensino tradicional.

De acordo com os resultados observados na Amostra Nova Iguaçu, observa-se claramente que o aumento de escolarização não implica redução no uso de *a gente* na fala. O gráfico abaixo ilustra tal aferição:

Gráfico 3: uso de *nós* e *a gente* no aumento da escolarização.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.



Embora só tenham sido levantados 10 entrevistas da amostra, chama a atenção o resultado obtido: visto que o uso de *a gente* na fala aparentemente não é marcado socialmente no português brasileiro; os índices de uso mantêm-se estáveis a despeito do aumento de escolarização dos informantes: 74% de uso de *a gente* no ensino fundamental, e 73%, nos ensinos médio e superior.

Tal resultado, embora baseado apenas nas frequências brutas, pode ser também um indicativo da postura assumida pelo Ensino brasileiro com relação ao fenômeno linguístico em questão. Como se sabe, nem todo fenômeno torna-se foco da ação disciplinadora da escola. Entre os fenômenos mais controlados, destacam-se aqueles em que ocorre variação entre uma forma de prestígio social e uma forma relativamente neutra ou entre uma forma socialmente estigmatizada e uma forma imune a estigma. Nesse sentido, cabe a pergunta: *qual o valor social da forma gramaticalizada 'a gente' tem assumido com o passar do tempo no português brasileiro?* A resposta a essa pergunta talvez ajude a compreender os resultados aferidos em dados de hoje, quando contrastados a resultados de décadas anteriores (que ainda indicavam alguma influência da escolarização na retenção a forma mais antiga “*nós*”).

O pronome *a gente* está sendo mais utilizado nos últimos anos, e

mesmo que a forma *nós* ainda seja trabalhada gramaticalmente nas escolas, a forma inovadora não sofre estigma, prova disso são os altos índices em que o pronome a gente é utilizado não importando em qual escolaridade o informante se encontra.

3.2. Sexo/gênero do informante

O controle de sexo/gênero do informante revelou resultados curiosos em relação ao uso das formas de referência à primeira pessoa do plural. Tal variável leva em consideração a possibilidade de existência de usos linguísticos que sejam mais comuns entre o gênero feminino ou entre o gênero masculino, muito embora, nas sociedades ocidentais, essas diferenças tendam a ser sutis. Corroboram para isso inúmeros agentes que se relacionam à evolução das sociedades modernas como, por exemplo, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que antes era um território exclusivamente masculino; e a maior participação dos homens nas tarefas domésticas, que no passado estavam reservadas apenas às mulheres. Todavia, inúmeras pesquisas apontam a existência de uma maior sensibilidade por parte das mulheres com relação ao status social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.

A tabela a seguir ilustra os resultados aferidos em nova amostra.

Tabela 3: uso de *nós* e *a gente* entre gêneros. Nota: Dados trabalhados pelo autor.

GÊNERO/SEXO	Nós	A gente
Homens	33/88 37%	55/88 62%
Mulheres	46/212 21%	166/212 78%

Foram localizados 166 dados da forma inovadora, em 212 ocorrências produzidas pelas mulheres, isto é, 78% do total. Diferentemente, o uso da forma inovadora não é favorecido pelo gênero masculino. Entre os homens, de 88 ocorrências produzidas, apenas 55 são da forma inovadora, ou seja, 62% do total. Entre os gêneros, nossos dados revelaram uma diferença de 16 pontos percentuais, todavia o resultado só poderá ser confirmado após a realização da rodada com pesos relativos.

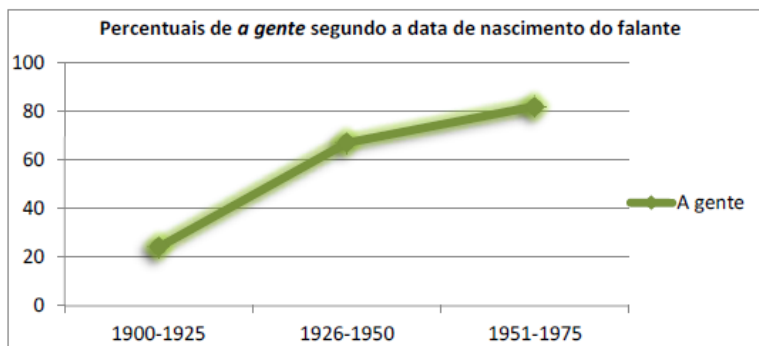
Comparando a variável "sexo" desta pesquisa com a de Omena (1993), que focaliza falantes não cultos do Rio de Janeiro, e de Mendonça (2010), que se utiliza de entrevistas orais coletadas em Vitória, talvez seja possível inferir que as mulheres são preconizadoras da mudança lin-

guística utilizando a forma inovadora. Em ambos estudos foi observado que as mulheres utilizavam mais o pronome *a gente* do que os homens e que estes, por sua vez, utilizavam a forma mais conservadora. Em nossa pesquisa não houve muita diferenciação, já que maior parte da frequência *a gente* foi realizada pelas mulheres.

3.3. Faixa etária

A variável "faixa etária" é a que mais se destaca nas pesquisas que tratam da substituição de *nós* por *a gente*, sendo frequentemente apontada como um forte indicativo de mudança linguística na comunidade (VIANNA, 2011; VIANNA; LOPES, 2015; ZILLES, 2007). Para fins de maior ilustração, reproduzem-se aqui os resultados discutidos em Zilles (2007, p. 36), a partir da análise de um *corpus* de fala referente à cidade de Porto Alegre. No gráfico da autora (*op. cit.*), é possível constatar o acelerado avanço de uso de *a gente em lugar de nós*. Os dados utilizados provêm do estudo de tendências, com base nas amostras do NURC e do VARSUL da cidade de Porto Alegre, com os falantes segundo a sua data de nascimento.

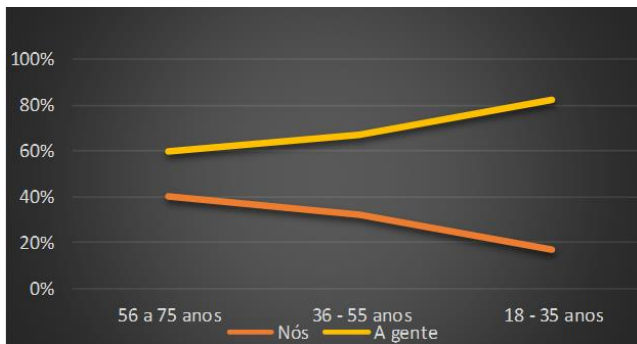
Gráfico 4: Percentuais de uso de *a gente* segundo a data de nascimento do informante, estudo de tendência. (VARSUL e NURC de POA). Fonte: Zilles (2007 p. 36)



Os resultados demonstram claramente a evolução nas taxas de uso de *a gente* no estudo de tendências. No início do século XX, esses valores não excediam muito os 20% de frequência; todavia, 50 anos depois, esses valores praticamente quadruplicaram, superando os 80% de produtividade.

Interessante observar que nossos resultados, obtidos a partir de amostras de fala de Nova Iguaçu, referendam os resultados supracitados.

Gráfico 5: uso de *nós* e *a gente* nas faixas etárias. Nota: Dados trabalhados pelo autor.



Embora as faixas etárias controladas não sejam as mesmas (havendo um recorte maior do tempo no trabalho de Zilles), verifica-se um progressivo aumento da forma inovadora nas gerações mais novas, como ilustrado abaixo: jovens apresentam uma taxa de 80%, enquanto a terceira idade fica em torno de 60% no uso de *a gente*.

Em outros trabalhos, como o de Vianna e Lopes (2015), também foi observado que a faixa etária mais jovem utiliza a forma inovadora em maior quantidade. Essa célula auxilia o impulsionamento da escolha do pronome, seja de forma inovadora ou não, tendo em vista que os indivíduos da terceira idade ainda não adotaram completamente a forma inovadora.

No estudo de Lopes (1993) a autora afirma que o pronome *nós* é utilizado mais pelos indivíduos da terceira idade, *a gente* amplamente pelos jovens, e na idade adulta ambas as formas são utilizadas.

4. Considerações finais

Com relação ao encaixamento linguístico e social da forma gramaticalizada em Nova Iguaçu, a pesquisa empírica revelou as seguintes tendências:

- (i) Aparentemente não existe correlação entre o uso de *a gente* e a escolaridade do falante.

- (ii) Ao que tudo indica, é mais provável o uso de *a gente* entre as mulheres. Assim sendo, tal grupo assume o papel de liderança na implementação da forma inovadora. Todavia, uma vez que a variação não envolve o binômio inequívoco “forma de prestígio e/ou forma estigmatizada”, é difícil compreender esse comportamento do gênero em termos de uma maior sensibilidade para o uso de prestígio social.
- (iii) De acordo com o que foi observado, com relação às faixas etárias, o comportamento de *a gente* apresenta indícios de mudança linguística em curso, com crescente substituição de *nós* por *a gente*, impulsionada principalmente pelos jovens.

Ainda que nossos resultados sejam corroborados por pesquisas anteriores, há de se ter em vista, entretanto, as deficiências encontradas em nossa amostra piloto. Como foi explicado anteriormente, para que possamos observar o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, e analisar com base em uma representatividade equilibrada de cada grupo social, é necessário que o corpus totalize dezoito entrevistas.

Sendo assim, o próximo passo de investigação será a ampliação de amostra para que a aferição de resultados seja mais confiável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS Brasil. Nova Iguaçu, RJ. Disponível em:
<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/nova-iguacu_rj>. Acesso em: 27-04-2016.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

LABOV, W. The study of language in its social context. In: _____. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos).

– Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 183-215.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2003.

VIANNA, J. B. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes *nós* e *a gente*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.